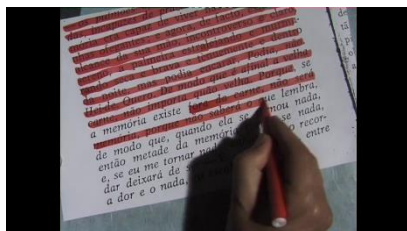


## A CINEMATECA JÚNIOR VAI A CASA no 25 de Abril

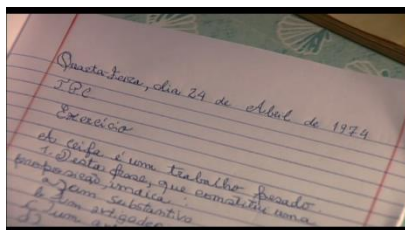
A Cinemateca Júnior gostava muito de vos ver descer a Avenida da Liberdade de cravo na mão e entrar na nossa sala nos Restauradores para ver **SE A MEMÓRIA EXISTE** de João Botelho e **AMANHÃ** de Solveig Nordlund, dois filmes que evocam o 25 de ABRIL e que inspiram conversas sobre o que ele significou e significa para as pessoas que o viveram e para todas as que vieram depois, como vocês. Como estamos todos em casa, sentem-se no vosso sofá, coloquem o cravo imaginário na lapela e chamem a família. A Cinemateca Júnior vai a casa com filmes.



No filme **SE A MEMÓRIA EXISTE** ouve-se a história do “país das pessoas tristes” contada pelos principais protagonistas do 25 de Abril de 1974, os Capitães de Abril Vasco Lourenço, Vitor Alves, Vitor Crespo ou Otelio Saraiva de Carvalho, entre muitos outros. Enquanto a história é contada à Joana, uma rapariga com mais ou menos a vossa idade, mostram-se fotografias raras do país real e das pessoas tristes que o habitavam feitas pelos fotógrafos Artur Pastor e Adelino Lyon de Castro e as fotografias que Alfredo Cunha fez no dia da liberdade, entre elas aquela fotografia icónica do Capitão Salgueiro Maia no Largo do Carmo. Procurem na internet ou daqui a uns tempos nas livrarias as fotografias que fez nesse dia e também as fotografias de um outro fotógrafo que também esteve na rua no dia 25 de Abril de 1974 e que também fotografava muito o país real – o fotógrafo Eduardo Gajeiro. No filme vêm-se também imagens raras da guerra colonial, que foi e continua a ser um grande tabu nacional. Curiosamente, este filme destinado a um público jovem como vocês mostra imagens de arquivo, provavelmente dos serviços cinematográficos do exército, embora recorrendo à fotografia nas sequências mais duras. Contam-se pelos dedos da mão os filmes de ficção ou documentários portugueses que falam sobre a guerra colonial e o fim desta guerra foi um dos principais presentes do 25 de Abril. Daqui a uns anos, se o tema vos interessar e também porque são bons filmes, podem ver *Um Adeus Português* também do João Botelho; *A Costa dos Murmúrios* de Margarida Cardoso; *A Idade Maior* de Teresa Villaverde; *20.13 Purgatório* de Joaquim Leitão ou *Cartas de Guerra* de Ivo M. Ferreira. Mesmo nestes filmes a guerra é vista à distância, pelos seus efeitos nas famílias e na cabeça dos combatentes. São poucos aqueles

que dão a ver, como este, a mata e os horrores sofridos numa guerra que não servia a ninguém e quase ninguém queria.

O *Tesouro*, o conto do poeta Manuel António Pina que faz o fio condutor deste filme, é um texto belíssimo pela forma simples, clara e poética como relata a história absolutamente verdadeira do “país das pessoas tristes” até ao momento em que recuperam o seu tesouro – a liberdade. Para conhecerem ainda melhor esse período da história do país e a figura que foi a maior responsável por tamanha tristeza podem ler um outro conto ou fábula satírica, chamado *Dinossauro Excelentíssimo*, de um escritor igualmente excelente, de seu nome José Cardoso Pires.



O filme **AMANHÃ** de Solveig Nordlund é também um filme sobre a memória, desta vez sob a forma de ficção. Aqui a revolução cruza-se na vida de um miúdo e passa despercebida. Nordlund conta-nos um episódio insólito vivido pelo Nuno, um rapaz de 9 anos que na noite de 24 de Abril de 1974 foge de casa e se refugia sem saber na sede da PIDE, na Rua António Maria Cardoso, onde se queimam papeis e se percebe uma estranha agitação. É aqui que ironicamente o Nuno julga esconder-se da polícia e passa a noite na companhia de um simpático pastor alemão. De manhã, é surpreendido por uma multidão nas ruas e pensa ingenuamente que a mãe juntou aquele mar de gente para o encontrar. Este episódio é recordado por Nuno já adulto no Largo do Carmo, junto à lápide de homenagem a Salgueiro Maia, a mesma onde a Joana se senta num dos últimos planos do primeiro filme. Pelo que se ouve o Nuno adulto dizer sobre essa manhã surpreendente e sobre as suas descobertas tardias, conclui-se que não lhe contaram a história toda ou que se esqueceu, porque aparentemente não sabe que foi na sede da PIDE que aconteceu o único episódio sangrento da revolução, com seis vítimas mortais. Fica por saber se a realizadora também não sabe ou entendeu que a narrativa dispensava essa informação ou se esqueceu e no entanto o seu filme, tal como o de Botelho, faz-se contra o esquecimento. E contra o esquecimento, os dois filmes usam várias imagens de arquivo e muitas comuns, como aquela em que um soldado corre alegre com um molho de cravos na mão. Apetece pegar num deles e saudar este dia com as palavras da Sophia de Mello Breyner:

Esta é a madrugada que eu esperava  
O dia inicial inteiro e limpo  
Onde emergimos da noite e do silêncio  
E livres habitamos a substância do tempo